

Corpo poético em permanente movimento

08/05/2018

Memória

Os sete livros, as dezenas de canções, a lembrança do artista e agitador cultural Waly Salomão, morto há 15 anos, repercutem entre estudiosos e poetas brasileiros

Márcio Renato dos Santos

Waly Salomão, morto há 15 anos, não deixou livros inéditos. “Ele não ‘engavetava’ textos. Produzia e, em seguida, publicava”, conta Omar Salomão, 35 anos, também poeta e filho de Waly. No entanto, há dezenas de cadernos com anotações, conteúdo que deve ser publicado, possivelmente por meio de algum edital, após estudo e catalogação. Omar comenta que a Companhia das Letras, que viabilizou *Poesia total* (2014), vai editar um livro reunindo textos de seu pai relacionados a viagens. Mas para a efeméride, 15 anos da partida do artista, não há publicações ou evento previstos.

O professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Italo Moriconi analisa que a presença de Salomão ainda se fará sentir por muito tempo nos círculos da literatura e da cultura. “Sua poesia completa permanece à espera de releituras atualizadoras e sua biografia é fundamental para entender a história de uma geração que passou pela contracultura em plena ditadura e terminou, na maturidade, envolvida na redemocratização do país”, afirma Moriconi, também poeta e curador literário.

Foto: Reprodução



Professor na Universidade de Brasília (UnB), Augusto Rodrigues da Silva Junior observa que fragmentos da obra de Salomão podem e são compartilhados nas redes sociais. “À primeira vista, pode parecer que a obra dele foi feita meio ao acaso. Mas a realidade é outra. Salomão pensou e articulou sua produção a partir de muito trabalho. Desde a década de 1970, ele se movimentou, antecipando linguagens plurais”, comenta Silva Junior.

Já o professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Fred Coelho considera que o legado de Salomão é a sua poesia — como um todo.

“Seu compromisso radical com as formas poéticas de todas as épocas, com a produção poética do seu tempo e com a permanente expansão dessa produção em todas as frentes possíveis — do livro à canção, do vídeo à performance”, teoriza, definindo Salomão e seu legado em uma frase: “Um corpo poético em permanente movimento”.

Vereda Peculiar

Salomão nasceu em Jequié (BA), em 1943, e fez a vida no Rio de Janeiro. Agitador cultural, dirigiu espetáculos musicais, de Gal Costa a Cássia Eller, editou em parceria com Torquato Neto a lendária revista *Navilouca* (1974) e, entre outras atividades, foi secretário do Livro e Leitura durante a gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura — uma de suas propostas, até hoje não implementadas, foi a de incluir um exemplar de um livro em cada cesta básica.

Em 1972, publicou — apresentando-se como Waly Sailormoon — seu primeiro livro, *Me segura q’eu vou dar um troço*. Naquele contexto, dialogava com o grupo baiano que elaborou o Tropicalismo. De acordo com Fred Coelho, da PUC-Rio, no início de seu percurso, Salomão também se conectava ao chamado paideuma concreto, ou seja, era leitor de autores propostos pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari: Mallarmé, Cummings, Ezra Pound, Joyce, além da poesia moderna brasileira, em especial Oswald de Andrade, Drummond (de livros como *Claro enigma*) e João Cabral de Melo Neto.



SALOMÃO

CIRCO
DE
LETRAS



GIGOLÔ
de

BIBELÔS

editora brasiliense

POESIA





Me segura qu'eu vou dar um troço (1972), Gigolô de bibelôs (1983) e Poesia total (2014), livros de Waly Salomão, e Navilouca (1974), revista editada pelo poeta em parceria com Torquato Neto

No início dos anos 1970, explica Fred Coelho, a interlocução de Salomão com Hélio Oiticica, Torquato Neto, Jards Macalé e Gal Costa o deslocam para o que, na época, se chamava de cultura marginal, isto é: a face brasileira do debate internacional da contracultura. “Esse registro à margem o acompanha, mesmo contra sua vontade, ao longo dos anos 1970”, completa.

A partir da década 1980, Salomão conquista espaço próprio, independentemente de escolas ou movimentos. “Torna-se um poeta maduro em diálogo com diferentes universos de referência, de Gregório de Mattos a Joan Brossa, por exemplo”, acrescenta o professor da PUC-Rio. O artista publicou, ao todo, 7 títulos, entre os quais *Gigolô de bibelôs* (1983) e *Armarinho de miudezas* (1993). “Era um leitor voraz tanto de poesia quanto do pensamento crítico de sua geração, como Gilles Deleuze e Félix Guattari, Michel Foucault, Herbert Marcuse, etc. A partir disso, elaborou uma dicção de poeta-pensador muito própria e intransferível”, pontua Coelho.

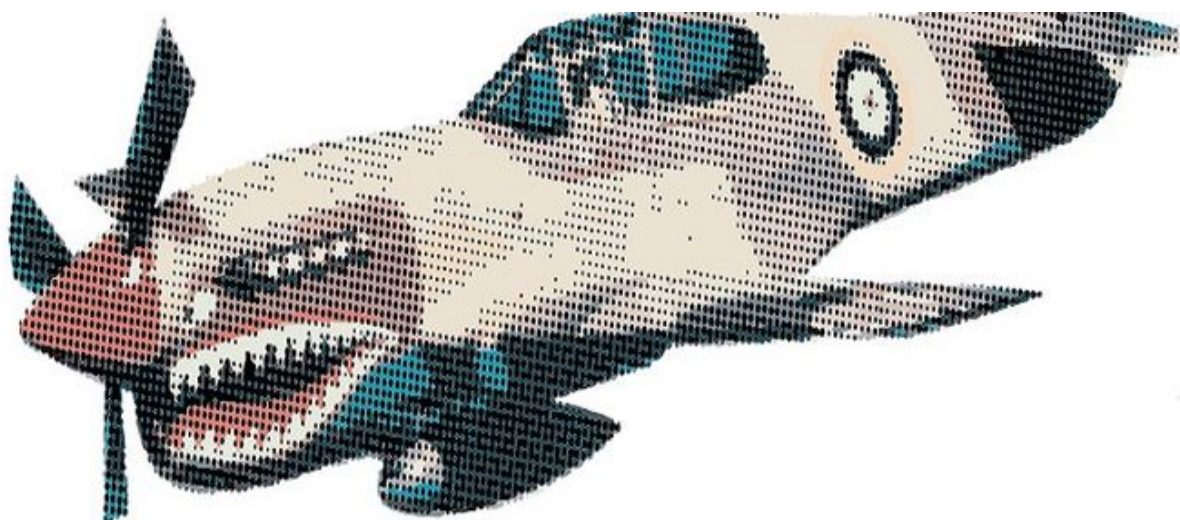
Investigador da linguagem

A potência e variedade de temas da poesia de Salomão podem ser percebidas ao conferir, ao acaso, qualquer um de seus livros. Em *Algaravias: câmara de ecos* (1996), o primeiro verso do poema “Carta aberta a John Ashbery” traz uma das

máximas do autor: “A memória é uma ilha de edição”. “Poema jet-lagged”, do mesmo livro, tem um desfecho memorável: “Escrever é se vingar da perda./ Embora o material tenha se derretido todo,/ igual queijo fundido”.

Fred Coelho observa que Salomão escreveu sobre temas que o “atravessaram” ao longo de sua trajetória. “Certamente ele não escreveu sobre muitas coisas, mas o que escreveu ilumina tudo que estava fora desse escopo. Não são os temas que formam seu trabalho, mas sim a forma como se ‘fala’ dos temas”, afirma, completando que, como poeta, Salomão sempre estava comentando o mundo de uma perspectiva pessoal e universal.

Augusto Rodrigues da Silva Junior conta que seus alunos, na UnB, ficam encantados com as possibilidades dos poemas de Salomão, “principalmente pela ‘contorção’ que ele faz com as palavras e pela oralidade de sua poesia”. Em diálogo com Silva Junior, Italo Moriconi acrescenta que a poética de Salomão tem tudo a ver com a questão da oralidade: “Mas ela precisa ser também reavaliada para além desse fascínio ou sortilégio que a envolve”.



“A memória é uma ilha de edição”

Waly Salomão

Moriconi chama atenção para o que, em seu entendimento, guiava artisticamente Salomão: liberdade e sinceridade, mas, salienta, o artista não negava o papel das máscaras e convenções sociais: “Pitadas de escândalo. A presença de Waly era um pequeno escândalo sempre. Um escândalo estimulante e gregário”.

Já Fred Coelho faz uma pergunta: há uma busca artística necessária para além do embate permanente com a linguagem? Ele mesmo responde: “Escrever poesia não traz planos prévios ou perspectivas gerais e estratégicas. Muitas vezes o poeta apenas é. O poeta não sabe fazer outra coisa, não busca nada além do verso impecável, da palavra certa, da imagem precisa que aspira quando pensa o poema”, argumenta o especialista da PUC-Rio, enfatizando que Salomão era guiado, artisticamente, pela investigação permanente da linguagem poética.

O mel do melhor

Italo Moriconi analisa que os 7 livros de Salomão se encadeiam e constituem, em conjunto, “um grande poemão”. Augusto Rodrigues da Silva Junior tem o mesmo entendimento que o professor da UERJ, e ressalta que o poeta tinha plena consciência de seu trabalho, “que possui coerência interna, mas sempre se atualizava a cada nova obra”.

Fred Coelho observa que toda obra é única em sua singularidade (escrita em determinados tempo e espaço) e é uma continuidade se a atrelarmos a uma trajetória biográfica: “Sem dúvida, temas se repetem, poemas de épocas diferentes são retrabalhados, porém sem a obrigação de uma continuidade acumulativa”.

Fotos: Reprodução





Poeta visceral, Waly Salomão transitou pela canção popular, dirigiu shows, foi — enfim — um pensador e agitador cultural.

Augusto Rodrigues da Silva Junior salienta que Salomão, além de fragmentar alguns de seus textos, também se “fragmentou” produzindo em variadas frentes, entre as quais a canção popular. Ele é autor, em parceria com Jards Macalé, de “Vapor barato”, um clássico brasileiro, já gravado, entre outros, por Gal Costa e pela banda O Rappa: “Sim, eu estou tão cansado/ Mas não pra dizer/ Que eu não acredito mais em você/ Com minhas calças vermelhas/ Meu casaco de general/ Cheio de anéis/ Eu vou descendo por todas as ruas”.

Gilberto Gil, Itamar Assumpção, João Bosco e Moraes Moreira são alguns dos parceiros de Salomão, além de Lulu Santos, com quem o poeta divide a autoria

de “Assaltaram a gramática”, canção gravada pelos Paralamas do Sucesso: “O poeta é a pimenta/ do planeta!/ (Malagueta!)”.

Severino, de 1994, o sétimo álbum de estúdio dos Paralamas do Sucesso, tem uma canção, “Cagaço”, parceria de Herbert Vianna e Bi Ribeiro, que traz na letra ecos da poética do artista e menciona nominalmente Salomão: “Esconde os dentes, segura a pancada/ Abaixa o queixo pra salvar o nariz/ Atropelado, atabalhado/ Bateu de frente com o trem social/ Seguiu adiante, deixando os pedaços/ Como a poesia de Waly Salomão”.

Augusto Rodrigues da Silva Junior analisa que o impacto do legado de Salomão é imenso, e cita Arnando Antunes e Adriana Calcanhotto como artistas que dialogam com o autor morto há 15 anos. Italo Moriconi não percebe, entre os contemporâneos, um interesse pela obra do autor de, entre outros títulos, *Lábia* (1998) e *Tarifa de embarque* (2000). “Acho que ele pode ser retomado agora, por aqueles que estão se interessando por uma reapropriação do tropicalismo, da contracultura e da africanidade brasileira”, sugere o professor da UERJ.

Já Fred Coelho tem a impressão de que todos os jovens poetas brasileiros dialogam com a obra de Salomão. “Mas não ter visto Waly falando seus poemas cria uma relação mais distante, vinculada apenas ao livro — o que já é ótimo, mas não dá toda dimensão de sua presença marcante. Ele foi fundamental para a abertura de um espaço específico para o poeta contemporâneo, que se compromete com a poesia de forma radical”.



Poesia, psicanálise e utopia: uma imensidão

Integrante da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), a psicanalista Joana Horst estudou a obra de Salomão entre março de 2009 e abril de 2011, o que resultou na dissertação de mestrado “Waly Salomão: do fóssil ao míssil — poesia, psicanálise e utopia”, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

“A obra de Waly é vasta, vastíssima”, diz a psicanalista. Ela afirma que em cada texto, verso, poema, prosa, ensaio e nos babilaques (fusão de textos, imagens e objetos, também descritos como “performance- -poético-visual”) do autor há uma imensidão. “Tanto que a cada nova leitura, é possível descobrir novas esquinas, novas encruzilhadas e novos sentidos. Foi justamente isso que me fisgou: a multiplicidade de

sua obra, construída a partir de um elevado grau de experimentação poética”, comenta.

Após ler e reler a obra de Salomão, Joana diz ter cogitado a possibilidade de nomeá-la como uma obra utópica, pela sua potência em desacomodar o estabelecido, rompendo com estruturas predeterminadas e, também, pelas enfáticas proposições de novas formas de escrita, possibilidades de leitura e pluralidade de sentido — “na literatura e na vida”.

“Propus alguns enlaces entre o fazer poético de Salomão e o fazer do psicanalista, uma vez que ambos operam uma ruptura de um ordenamento significativo. O que se produz com o ato analítico, ao realizar cortes na cadeia discursiva do sujeito, é uma brecha nos sintomas tão enrijecidos em suas formas. O ato analítico propicia o deslocamento necessário para suscitar algo novo, estimulando a inventividade do sujeito”, comenta Joana.

Ela não tem dúvida de que a obra de Salomão tem sustentação para atravessar gerações — tanto que o legado segue instigando leitores 15 anos após a morte do artista. “A produção dele tem uma potência atualíssima, preme de questionamentos e provocações às nossas configurações individuais e coletivas. É permeada por uma crítica social contundente. Sua poesia coloca em causa o estabelecido na cultura, remetendo sempre a novas disposições do mundo”, opina.